

## **Do poeta caribenho Édouard Glissant às suas relações com a História: uma conversa com a historiadora Priscila Dorella<sup>1</sup>**

*Priscila DORELLA<sup>2</sup>  
Juniele RABÊLO DE ALMEIDA<sup>3</sup>*

Esta é uma entrevista pública realizada com a historiadora Priscila Dorella, especialista em história intelectual, com ampla experiência na interface história, mídia e debates públicos. Ao discutir aspectos da sua pesquisa recente, intitulada “O poeta caribenho Édouard Glissant e as suas relações com a História”, Priscila Dorella apresenta, nesta conversação com Juniele Rabêlo de Almeida, momentos de sua atuação transdisciplinar e transnacional (entre ensino, pesquisa, extensão e divulgação) em diferentes universidades: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidad Autónoma de México (UNAM-México), University of California (UC/Berkeley-EUA), Universidade Federal Fluminense (UFF), La Rochelle Université (LRU-França) e, principalmente, na Universidade Federal de Viçosa (UFV) onde é Professora Associada de História das Américas e integrante dos projetos coletivos “Moçambique é maningue nice!” e “Latinoamericanos como nós”.

---

<sup>1</sup> Transcrição (LABHOI-UFF): Ana Beatriz Camarinha e Camilly Schaustz.

<sup>2</sup> Possui graduação (2003), mestrado (2006) e doutorado (2012) em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou pós-doutorado (2018) na University of California (UC), Berkeley Filiação institucional. Viçosa. MG. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4184-0028>  
E-mail: [p\\_dorella@hotmail.com](mailto:p_dorella@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em História Social (USP) e mestre em História (UFMG). Realizou pós-doutorado em 2011 na UFMG e, em 2020, na University of California, UC Berkeley (Professora Visitante) e UFRGS. Filiação institucional. Niterói. RJ. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9468-9192>  
E-mail: [junielerabelo@gmail.com](mailto:junielerabelo@gmail.com)

**Juniele Rabêlo de Almeida:** Hoje, dia 12 de setembro de 2023, estamos recebendo no Instituto de História da Universidade Federal Fluminense a professora Priscila Dorella, docente da Universidade Federal de Viçosa em atividade pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFF) e o Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF). Iniciaremos uma conversa sobre a sua atual pesquisa referente ao poeta caribenho Édouard Glissant, problematizando sua trajetória de vida (1928- 2011), e a sua relação com a História. Procuraremos, também, perguntar sobre a trajetória de vida da professora Priscila Dorella, que busca novos elementos, principalmente na História Pública, para o seu trabalho já consolidado sobre História Intelectual. Nos interessa prescrever os caminhos acadêmicos que levaram a professora ao seu novo processo de pesquisa que traz uma crítica perspicaz à colonialidade e, ao mesmo tempo, sua trajetória acadêmica permeada por parcerias que a levaram para o estudo da memória e da oralidade no tempo presente. Esse é o primeiro encontro público que marca a parceria do LABHOI-UFF com os projetos da UFV coordenados pela professora Priscila Dorella. Agradecemos a direção Instituto de História, principalmente a parceria da Profa. Elisa Borges, que incentivou os nossos diálogos. Priscila, seja muito bem-vinda! Você pode falar um pouco sobre a sua trajetória: seus vários espaços de formação e a suas ações atuais na Universidade?

**Priscila Dorella:** Quero começar agradecendo a professora Juniele e as estudantes Ana Beatriz Camarinha e Camilly Schautz. Dizer da alegria do nosso encontro, da possibilidade de compartilhar experiências e de aprender mais sobre a História Oral. Trabalho na Universidade Federal de Viçosa (UFV) na área de História da América, e como lá o departamento é pequeno, eu trabalho com todas as Américas. América colonial, contemporânea... E isso, claro, me ajudou a ter um repertório amplo, um tanto quanto distinto dos outros professores de História da América, e uma boa visão sobre a importância desse assunto no Brasil. A minha área de pesquisa é História Intelectual das Américas. Fiz o doutorado, com estágio na Universidad Autónoma de México, sobre o poeta mexicano Octavio Paz (1914-1998). Na University of California Berkeley, fiz o pós doutorado sobre a Susan Sontag (1933-2004), uma escritora norte americana. O meu mestrado foi sobre um intelectual muito pouco conhecido, chamado Silvio Julio de

Albuquerque Lima (1895-1984), que foi professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele foi um dos primeiros a escrever, por exemplo, a biografia do Bolívar. É considerado precursor dos estudos hispano-americanos no Brasil. Como pode notar, dediquei desde a graduação aos estudos sobre poetas, escritores, intelectuais, de modo geral.

Na Universidade Federal de Viçosa tem alguns semestres em que eu tenho a oportunidade de oferecer algumas disciplinas optativas. E eu sempre faço experimentações. Já dei disciplinas sobre questões de gênero e de raça. Também ofereci cursos sobre anarquismo; e reflexões sobre meios de comunicação. Nos últimos tempos, com essa avalanche muito conservadora que enfrentamos, senti que deveria rever muitas das referências que tinham me formado, foi como se eu percebesse também que muita coisa do que eu recebi não estava dando conta de responder sobre muitos dos desafios que a gente vive. Comecei a ver as limitações dos meus programas de aula, das bibliografias que conhecia, das ideias que tinha sobre História da América. Enfim, comecei a repensar tudo isso. Até comentei com vocês que eu tive um estudante, em uma disciplina de América Contemporânea, que perguntou onde estavam os intelectuais negros, e aquilo ali me pareceu fundamental. A questão passou a ser a minha preocupação, a partir da consciência desse enorme problema.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** Muito bom saber que novas questões insurgiram no seu fazer docente e promoveram novas preocupações para ações em pesquisa e extensão. As questões socialmente vivas trazem as dimensões públicas da história que desejamos construir. Será muito bom ouvir as suas reflexões sobre os incômodos que a levaram para a observação da América Caribenha e os/as intelectuais públicos nascidos nesse território (Frantz Fanon, Stuart Hall, Eric Williams...), principalmente com o seu novo tema de trabalho, que entrecruza história, memória e oralidade a partir da obra do poeta martinicano Édouard Glissant.

**Priscila Dorella:** Comecei a me incomodar, antes da pandemia, com relação aos temas de América. É que geralmente, ao trabalhar com História da América Contemporânea, a gente se dedica muito aos grandes países, como Argentina, México, Chile. E, também,

as grandes questões econômicas e políticas, como teoria da dependência, revolução, ditadura. E aí fica parecendo pela quantidade de matéria que é menos importante estudar países como El Salvador, Suriname, Martinica. Passei a ver o problema na escolha de se trabalhar as histórias de grandes países e grandes acontecimentos; como se isso fosse o fundamental da História. Então, olhei para o Caribe: porque a ideia de uma América Latina que a gente vai construindo muitas vezes não contempla a região caribenha que representa um universo à parte, com uma série de interações que muitas vezes não temos ferramentas para adentrar. Ao estudar as Américas, falamos sobre a Revolução Cubana, sobre a Independência do Haiti, mas acaba por aí. Conseguimos falar alguma coisa da Jamaica, mas sem muita sustentação. E eu comecei a ficar um pouco aflita com essa prática de ensino. Começou, paralelo a isso, a existir nos cursos de graduação de História a disciplina de História da África – como resultado de um direito conquistado a duras penas pelo movimento negro. No meu departamento, a gente conseguiu fazer um concurso para essa disciplina, mas eu não tive História da África na graduação.

Algumas discussões que muitas vezes eram feitas na universidade para pensar a África vinham da região caribenha. Frantz Fanon, por exemplo. Na universidade era o professor de História da África que indicava textos dele. E eu fiquei pensando, mas o Frantz Fanon nasceu na Martinica. O Aimé Césaire fala da negritude e nasceu na Martinica. E por que a gente não dá importância a essa região, não tem uma relação com essa paisagem, com as limitações e possibilidades que eles viveram, no lugar onde eles nasceram. Isso é História da América também! Tudo bem dizer que o Frantz Fanon se naturalizou argelino. Mas tem toda uma questão sobre o lugar de origem, sobre o colonialismo e os enfrentamentos vividos a partir da paisagem caribenha. Pensei: "olha, talvez seja legal eu dar uma disciplina sobre o pensamento intelectual caribenho". Comecei a fazer um levantamento bibliográfico. Ao falar do Stuart Hall, do Eric Williams, do Michel-Rolph Trouillot, que são autores da diáspora, reconhecidos na Europa e nos Estados Unidos, não podemos esquecer que eles nasceram na Jamaica, Trinidad e Tobago, Haiti. Ao inserir "Caribe", no Google imagens por exemplo, aparece apenas praias paradisíacas; assim, boa parte das pessoas fica refém dessas imagens de lugares com suposta natureza sem história. Parece que ali não ocorreu nada, que não tem história. Ficamos sem elementos para refletir. Mas sabemos que as populações

indígenas foram dizimadas. A maior parte dessas ilhas foi colonizada por franceses, ingleses, holandeses e espanhóis – com uma população de negros descendentes de pessoas escravizadas vindas da África. Infelizmente as reflexões param por aí, e ficamos logo tomados pelos desafios naturais e pela ideia de paraíso fiscal. Então, elaborei uma disciplina optativa sobre História Intelectual caribenha para tentar navegar um pouco além do que eu e os estudantes conheciam. Isso me deu uma outra dimensão sobre a importância dessa história caribenha nas Américas.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** O processo coletivo para a construção do seu novo campo de estudos é instigante: tanto o seu diálogo direto com estudantes quanto a sua preocupação com os debates e ativismos que atravessam a leitura desses intelectuais públicos. Você citou Franz Fanon, também da Martinica, considerado fundamental para luta anticolonial no tempo presente; tal luta tem sido amplamente debatida nos encontros e fóruns de História Pública. Você pode dizer um pouco das suas experimentações em atividades e debates críticos a colonialidade - a partir dos trabalhos transdisciplinares?

**Priscila Dorella:** Quando a pandemia chegou, fui convidada pela professora Tereza Spyer para participar de um grupo na UNILA [Universidade Federal da Integração Latino-Americana] que se chama "¡DALE! - Descolonizando a América Latina e seus Espaços", em que tive a oportunidade de debater em um grupo interdisciplinar sobre outros intelectuais interessantes, como Rita Segato, Silvia Rivera Cusicanqui e Lélia Gonzales, com discussões sobre feminismos, racismos, ecologia, etc. E isso foi fazendo a minha cabeça e acentuou essa necessidade de reavaliação, de repensar sobre os pressupostos da História, as ideias que tinha sobre teoria. Fui entrando nas discussões sobre colonialidade, a importância da luta anticolonial, as contribuições do decolonial, que alguns entendem como uma moda (que pode ser passível de críticas porque não resolve tudo), mas me pareceu uma provocação muito instigante a respeito do que a gente faz na área de Humanas. Penso nas disciplinas que tive na graduação, como Teoria da História, em que todas as referências eram europeias. Quais seriam esses autores das Américas com ideias distintas sobre a História? É que diante da

complexidade do mundo precisamos pensar diferente, pensar de forma diversa e indeterminada com os outros e a partir do nosso lugar; não é? Depois de todo o sofrimento que tivemos com a pandemia, de todos os condicionamentos políticos, da consciência sobre os problemas ecológicos e dos enormes desafios educacionais, precisamos dar outros tipos de resposta sobre o passado. Não estou sozinha nisso. As universidades públicas no Brasil mudaram muito nos últimos tempos; e me pareceu importante ler outras referências para provocar os estudantes a produzir outras conexões e compreender o mundo de outras formas.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** Fundamentais as provocações sobre descolonização. Lembro das nossas conversas sobre o pensamento contracolonial formulado pelo ativista quilombola Nêgo Bispo (1959-2023), que esteve com você na Universidade Federal de Viçosa. A partir da obra do Nêgo Bispo também é possível refletir sobre pesquisa participativa, memória social e corpo-oralidade, pois o termo contracolonial radicaliza as lutas contra hierarquias de saberes. Temos reconhecido o possível caráter contracolonial em inúmeras práticas de história pública – capaz de ultrapassar estruturas oficiais de apoio a projetos colonizadores. O ativismo da história pública pode desafiar a produção colonial de conhecimento; ou, ao menos, o caráter epistemológico que fortalece estruturas duradouras de poder e dinâmicas sociais de desigualdade. A história pública pode fazê-lo, por exemplo, ao catalisar práticas participativas atentas às artes e às humanidades digitais. Sabemos que você esteve envolvida em pesquisa-ação – projetos extensionistas com prática colaborativa. Será muito bom ouvi-la sobre as práticas da história pública que você desenvolveu nos espaços de extensão universitária.

**Priscila Dorella:** Desde que me tornei professora universitária me tornei sensível com relação à extensão universitária. Eu não tive uma formação que falasse da importância da extensão. Nem sabia que em História era possível fazer extensão. E quando eu cheguei na UFV, descobri uma longa tradição de extensão, mas uma tradição vinculada ao mundo agrário, a tecnologia, ao conhecimento científico. Vi como era muito interessante os projetos de extensão em diálogo com a comunidade... à la Paulo Freire, sabe? No livro “Extensão ou comunicação” (1969). A extensão mobilizava os afetos, as

peças se envolviam com uma certa alegria que a gente não via nos grupos de estudos. Percebi que havia um compromisso social e político muito claro e que era possível de ser vivido. Fui fazendo alguns experimentos nessa direção e eu me lembro de uma professora, que eu gosto muito, do departamento de Solos da UFV: Irene Cardoso, muito engajada na Agroecologia. Ela disse um dia para mim: "Olha, a cidade de Viçosa não tem nada, mas você pode fazer tudo.". E aquilo ali virou uma chave na minha cabeça, pois em nossa região não tem tantas opções culturais como no Rio de Janeiro, mas tem a liberdade para construir e experimentar de várias formas o conhecimento junto à comunidade.

Daí, fui fazer um programa de rádio de História e música latino-americana, viajei coordenando o Projeto Rondon na Amazônia, elaborei um projeto sobre cinema latino-americano e embrenhei na Troca de Saberes da agroecologia. Ou seja, criei um mundo à parte em que havia uma certa consequência social para além da sala de aula, e juntamente com os estudantes afirmava a função pública da universidade e os sentidos político, social e ambiental da História. Estávamos aprendendo com o mundo, porque não está tudo na universidade. Existe um processo de interação necessário pra que a gente perceba a vida e possa se renovar a partir disso também. Não só com os livros, e não só com essa tradição historiográfica europeia que segue sendo muito importante, mas também com o nosso próprio território e com a nossa própria experiência. Produzir conhecimento a partir daquilo que a gente vive, das relações que a gente tem. Então, eu estou me tornando essa pessoa inquieta em uma cidade conservadora do interior de Minas Gerais.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** Como foi o processo para a construção do seu novo projeto de pesquisa “Édouard Glissant (1928-2011) - Histórias de vida elaboradas a partir do mundo caribenho”?

**Priscila Dorella:** Quando foi chegando o momento da minha saída para um novo Pós-doutorado, eu pensei "Mas o que eu vou fazer? O que eu quero estudar? Que história eu quero contar?". Com essas questões fui em um congresso da Associação de Pesquisadores de História Latino-americana e Caribenha (ANPHLAC) na Universidade

Federal Integração da América Latina (UNILA), realizado em Foz do Iguaçu, apresentar um trabalho sobre a Totó La Momposina, uma cantora colombiana. Lá, encontrei com uma outra professora de América, de Manaus, Kátia Couto, e falei sobre meu trabalho de História e Música, e ela disse: "nossa, Priscila, tudo isso é interessante e casa muito com algumas ideias do Édouard Glissant". E aí eu perguntei "Mas quem é Édouard Glissant?"; pois eu nunca tinha ouvido falar. Muitas vezes encontramos um tema de pesquisa de uma forma que a gente nunca poderia imaginar, em uma amizade, em uma relação de afeto, em uma ideia ou intuição é possível descobrir uma possibilidade. Há muita pouca tradução da obra de Édouard Glissant no Brasil. Até existe um certo esforço para traduzi-lo. O romance – "O quarto século" – (1964-Editora Seuil- França) foi publicado no Brasil, em 1986. "A poética da diversidade" (1996, Editora Gallimard – França) foi publicado em 2005. "A Poética da Relação" (1990, Editora Gallimard - França) em 2021. Tem um outro livro dele, "Conversas de Arquipélago" que foi publicado também em 2021. Ou seja, a maior parte da obra dele, que é imensa, falta ser traduzida para o português. Glissant nasceu na Martinica, foi poeta, escreveu romances, ensaios, peças de teatro. Formou em Filosofia na Sorbonne. Acredito que a área de Ciências Humanas no Brasil tem atualmente muita gente interessada em pensadores da Martinica, como Aimé Césaire, Suzanne Césaire, Frantz Fanon, o Malcom Ferdinand... O motivo talvez seja a necessidade que temos de compreender melhor temas como ecologia, racismo, diáspora, luta anticolonial.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** Uma escolha primorosa! Édouard Glissant é um intelectual que parece abrir vários caminhos para uma compreensão ampliada dos sentidos públicos da História. Quais são as suas inquietações para o estudo desse escritor?

**Priscila Dorella:** O que eu vou falar aqui tem a ver com o início de uma pesquisa, de uma inquietação, de uma intuição que eu tive no sentido de ver quem é esse escritor e se ele teria algumas visões que me ajudariam na compreensão distinta de um conhecimento histórico mais aberto, fluído, interdisciplinar. Quando eu comecei a ler, eu achei muito atual, crítico, libertador, enfim, instigante. Acho que isso tem a ver com o fato dele ser um poeta também, que tem um compromisso muito grande com a força da imaginação,

com a escolha das palavras, com os afetos. Então, a relação dele com a História está vinculada a todo um trabalho de encantamento do mundo. Interessante observar que ele teve uma formação clássica na França: ele se formou em Filosofia na Sorbonne e leu muito sobre a cultura greco-romana, a tradição moderna filosófica. Não é um autor que descartou a contribuição europeia apesar de suas críticas ao colonialismo e ao pensamento sistêmico. Isso me pareceu muito bacana porque ele propôs aprender com o mundo criando uma visão da história indeterminada, aberta e complexa a partir do Caribe. E aí ele vai falar muito sobre a história da Martinica e como que esse pequeno lugar pode contribuir para a gente pensar o conhecimento humano.

A Martinica teve a sua população indígena dizimada no processo de colonização. Teve influência dos ingleses, mas sobretudo da colonização francesa. É uma região que ainda hoje depende da França, mas que recebeu uma população imensa de africanos, mais de 80 por cento da população é de afrodescendentes. A base de sua economia foi fundamentada na cana de açúcar, no rum, naquilo que a gente conhece muito no Brasil como o sistema de plantation, com o uso de mão de obra escrava. Mas é um tanto quanto diferente também porque o Brasil não teve escravidão em todo o seu território, tal como se estabeleceu na Martinica com cem por cento da mão de obra escrava no sistema de plantation. É de fato uma região interessantíssima para pensar a questão da escravidão, como afirma o Aimé Césaire, porque a escravidão ocupou toda a ilha. E aí, Glissant vai pontuar que a abolição da escravidão aconteceu apenas em 1848, tempos depois da Revolução do Haiti e da Revolução Francesa. Para que vocês querem a independência, para virar um outro Haiti? Era pergunta que se fazia aos martinicanos, como Édouard Glissant. Assim, muitos intelectuais da sua geração, como Frantz Fanon e Aimé Césaire, se sentiram provocados a responder a essa questão no intuito de buscarem superar o olhar colonial que os colocavam em posição de inferioridade.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** É, realmente, um desafio superar o olhar colonial. Como a obra de um poeta negro da Martinica cria um outro tipo de imaginação histórica?

**Priscila Dorella:** Glissant conta sobre um projeto educacional francês que foi implementado para essa população de afrodescendentes na Martinica, em que a história

local é profundamente apagada. A história que eles aprendiam é a História Medieval, a história dos gregos, e o francês como uma língua culta, como língua da civilização. O crioulo era visto como a língua degenerada, que merecia ser esquecida. Ele dizia, olha, na minha escola, por exemplo, tinha vários cartazes dizendo que era proibido falar crioulo como se isso fosse algo avesso ao processo civilizatório. O Aimé Césaire, por exemplo, foi professor do Édouard Glissant. Eles começaram a ter muita consciência da violência disso quando eles tiveram oportunidade de estudar na França e a partir da França eles tiveram contato com os africanos que sofreram também com o processo de colonização. Mas devo dizer que antes mesmo de Glissant ir para França, ele teve a chance de conhecer grandes críticos do colonialismo. Conheceu importantes expoentes do movimento das vanguardas, como o cubano Walfredo Lam e o surrealista André Breton, e até mesmo intelectuais, como o antropólogo Levi-Strauss, comprometidos em compreender os povos indígenas. Então, tudo isso foi criando um outro tipo de sensibilidade. E tanto a Suzanne Césaire, como o Édouard Glissant vão falar "Olha, os surrealistas tiveram um papel importantíssimo pra gente porque eles conseguiram ver a gente não de forma exotizada, mas conseguiram um diálogo mais aberto, em que imaginação pudesse fluir de uma forma livre, aberta, com conexões, com dimensões oníricas, espirituais, em que aquilo que era subterrâneo de algum modo, encontrou um respaldo". E assim ele começou a criar outro tipo de imaginação histórica.

Édouard Glissant elaborou uma visão da história consciente de ser um poeta negro da Martinica. Como é que nós chegamos aqui? Como é que os colonizadores chegaram? Quem habitava antes essas terras? Chegamos nus no Caribe pelo processo de escravização. Chegamos sem referências. Chegamos em um navio negreiro que havia pessoas que falavam diferentes línguas que estavam sobre a mesma condição de escravidão. Tivemos uma experiência abissal. Então, o crioulo é uma língua resultado dessas interações heterodoxas de pessoas de diferentes origens que geraram interações conflitantes do sistema de plantation, e essas interações é que foram capazes de produzir um outro tipo de identidade. Mas é uma identidade que não vai funcionar a partir da raiz única, como ensina a tradição europeia. Vai funcionar a partir das relações conflituosas com seres de diversas raízes, que vão constituir processos de identificação capazes de fazer sujeitos se reconhecerem uns nos outros.

Glissant vai utilizar um conceito interessante de Gatarri e Deleuze: “identidade rizoma”; quando fala sobre a tentativa de abortar a ideia de uma identidade raiz e que há muitas raízes conectadas que se misturam. A busca pela origem histórica nos impede de pensar sobre as possibilidades dadas pelas identidades múltiplas que se relacionam. Então, o conceito de Relação, criado pelo próprio Édouard Glissant, é importantíssimo. Porque é na relação que se constrói a identidade, é na relação que se pode pensar a história, que se liberta, que se produz consciência. Isso faz com que se abra mão do determinismo; porque sempre alguma coisa vai escapar, sempre vai faltar. E isso é muito claro para esses povos afrodiáspóricos. Então o rastro, o resíduo, aquilo que está inconcluso é uma ferramenta interessante de ressignificação e de não exclusão da história. É claro que essa percepção, essa consciência do mundo muitos europeus também tem. Mas ele vai colocar muita evidência nessa história da Martinica como uma maneira de radicalizar a questão, de fazer a gente pensar sobre o problema da identidade na Relação. E é um problema que se coloca a partir da paisagem caribenha. É por isso que é importante falar sobre o seu "Pensamento de Arquipélago". O que é um pensamento de arquipélago? O que é esse pensamento em oposição ao “Pensamento Continental- Sistêmico-Fechado”? Ele vai afirmar: o Mediterrâneo é um mar fechado – É um mar mais previsível do que aquilo que a gente pode vivenciar num mar aberto como o mar do Caribe, sujeito a uma série de alternâncias da natureza, como furacões, terremotos e vulcões. Isso produz muitos desafios na relação entre europeus, africanos, indígenas, latino-americanos, norte-americanos e asiáticos que vivem nos arquipélagos do Caribe.

A língua crioula é resultado dessa interação conflituosa. Então, é uma língua rica, fluida, que muda, que está em constante interação assim como as pessoas que vivem no Caribe. O “pensamento de arquipélago” que ele propõe, para o mundo contemporâneo, é um pensamento aberto. É um pensamento que coloca em evidência o caos do mundo. Mas o caos do mundo não é a falta de sentido do mundo ou a desorganização do mundo. É aquilo que está à deriva, é a errância, trata de conexões diversas que são possíveis de ser estabelecidas a toda hora. Então, a identidade, na perspectiva dele, não deve ser a ideia daquilo que é, mas daquilo está sendo transformando. Esse gerúndio – “sendo”. Essa maneira de pensar sobre a fluidez

abrindo mão das certezas contribui no combate a xenofobia, ao racismo, ao autoritarismo. Isso me pareceu algo muito bacana no contexto em que a gente vive, permeado por ideais conservadoras e violentas. Penso que levar um pouco em consideração essas ideias sobre crioulação que ele trabalha é ampliar a nossa perspectiva histórica.

Outra noção interessante que ele desenvolve é a de opacidade. Nunca tinha ouvido falar desse conceito. Ele defende o direito à opacidade em diversos livros. Confesso que achei um pouco estranho no começo porque a gente é ensinado na universidade a buscar compreender de forma crítica, a criar uma linha de raciocínio capaz de dar conta do objeto que a gente constrói e a prezar pela transparência, como uma maneira de lidar com a vida e com a ciência. E ele vai falar assim, olha, a opacidade não tem a ver com aquilo que é obscuro, mas com aquilo que é iluminado, mas não necessariamente claro e evidente. E isso é fundamental para a proteção de cada um. É o direito da gente não ser totalmente transparente para o outro. O antropólogo do século XIX foi lá estudar as culturas indígenas, por exemplo, e ele teve que dissecar aquelas culturas, ele teve que descobrir todos os segredos, os mistérios... E só aí, quando achou que entendeu o que estava por trás, considerou a possibilidade de respeitar. Glissant defende a ideia de que não é preciso entender tudo para respeitar. Eu me lembro daquele indigenista muito importante, que foi presidente da Funai [Fundação Nacional do Índio], Sydney Possuelo, em que ele tinha isso também. Na entrevista que ele deu no Roda Vida (2022), ele falava assim: uma das coisas que eu aprendi trabalhando na Amazônia com os indígenas, é que eu não preciso entender tudo para respeitar, para poder conviver. As pessoas têm direito à opacidade, e muitas vezes elas mesmas não sabem explicar porque elas são do jeito que são, ou porque elas escolhem tais coisas, ou porque elas gostam de uma coisa e não de outra. Ou seja, nós mesmos somos opacos em relação a nós e por que exigimos do outro transparência? A nossa memória é um horror, os nossos desejos inexplicáveis e, ainda assim, exigimos do outro transparência. Existe um mistério que permeia as relações que precisamos considerar e respeitar. E isso Glissant me ensinou. Todos têm o direito à opacidade. Eu tenho direito a essa opacidade. Eu devo respeitar aquilo que eu não compreendo em mim para eu poder viver bem em mim. E assim eu vou interagir melhor com os outros. Então, isso

me pareceu muito, muito diferente do que eu aprendi sobre a escrita da História. Do que eu aprendi nessa busca do conhecimento. Tudo bem, a gente não pode julgar. Temos que compreender. Mas queremos dissecar. Queremos entender aquele acontecimento, aquela racionalidade, a gente quer prezar pela transparência. E ele está falando de algo que tem a ver com o mistério. Como inserir o “mistério” na escrita da História? Aquilo que não é evidente, nem para mim, nem para o outro - e que é parte da vida. Em que lugar isso cabe na História? Sendo que a gente produz histórias buscando um sentido racional e objetivo, né?

Diante de tantas questões interessantes, fui querendo compreender mais sobre a obra e a trajetória de Édouard Glissant. Aí eu voltei a estudar francês. Tinha um tempão que eu não estudava francês... e descobri que ele teve uma carreira não apenas como intelectual fechado em uma torre de marfim...ele fundou uma escola na Martinica, deu aulas em universidades americanas (Louisiana State University e University of New York); foi diretor da revista *Correio da UNESCO* (1982-1988), vice-presidente do Parlamento Internacional de Escritores na luta pela liberdade de expressão... foi um dos fundadores, na França, da Fundação da Memória da Escravidão (<https://memoire-esclavage.org/>) que atua em prol da luta contra o racismo. Escreveu muito sobre artistas latino-americanos que viveram em Paris, como Antonio Seguí e Walfredo Lam, acreditando que a arte é uma forma de quebrar certos vícios de linguagem, certas maneiras de operar o pensamento.

Em 2006, Édouard Glissant criou o Institut du Tout-Monde que busca a totalidade do mundo a partir da diversidade natural e social. Não podemos mais ignorar o mundo e as possibilidades de se relacionar com ele; sem deixarmos de ser imaginativos. Esse instituto tem um site que se chama "*Tout-monde*", que é um site (<https://www.tout-monde.com/>) inspirado na sua obra - *Tout-Monde* (1997) em que há reflexões sobre essas questões. Não se trata apenas da liberdade imaginativa do poeta, mas das mudanças do seu pensamento desde 1990, com a ideia de Globalização que para ele implica em se relacionar na co-presença de um novo mundo. No site dele, é possível encontrar pesquisadores que vão propondo formas de pensar a escravidão, a ecologia e a História relacionadas com as suas perspectivas. Tem muito material para

pesquisa. E o meu desafio inicial é conhecer esse material composto por documentários, livros, entrevistas, jornais, conferências.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** É possível ampliar o nosso olhar sobre a interface história, memória e oralidade a partir da obra e da trajetória de Édouard Glissant?

**Priscila Dorella:** A gente está aqui no Laboratório de História Oral (LABHOI), e devo dizer que Édouard Glissant considera a oralidade como um elemento fundamental para compreender a História apesar de existir toda uma tradição eurocêntrica que não deu credibilidade à fala como um trabalho intelectual. Ele vai dizer que o texto escrito é um texto conciso, é um texto racional, é um texto linear. E a oralidade é fruto da memória que é uma experiência corporal e intelectual aberta, criativa e fluída. Como afirmou em seu livro, *Introdução a uma poética da diversidade*: "A Oralidade é o movimento do corpo que se manifesta na repetição, na redundância, na preponderância do ritmo, na renovação das assonâncias e tudo isso se dá bem longe do pensamento de transcendência, e da segurança que esse pensamento da transcendência contem, bem como dos exageros sectários que esse pensamento desencadeia como que naturalmente." (GLISSANT, 2005, p.47)

Édouard Glissant ressignificou a importância dessa língua crioula e a defesa dela dentro das instituições francesas, como nas escolas. Ele dizia que a língua crioula não é uma ameaça as outras línguas, há muito o que se aprender com essa língua que surge de uma tradição oral. Para que aprender crioulo na Martinica sendo que o francês é a língua mais falada? Como se uma coisa fosse se sobrepor a outra, dizia. Mas a gente não se pergunta isso quando a gente busca aprender inglês, francês, espanhol, italiano. Então ele vai escrever sobre a possibilidade de se entender sobre outras formas de ver o mundo, de interagir, de nomear a realidade. E essa oralidade tem corpos. Possui formas de sentir que é transmitida de determinada maneira; e isso é também parte da História.

Ele trabalha com essas ideias de oralidade, de opacidade, de crioulição que eu comentei de forma muito rápida. E isso me sensibilizou, me fez querer fazer um projeto de pós-doutorado para estudá-lo não apenas pensando a História Intelectual, mas tentando pensar a construção de um laboratório de História Oral como uma forma de desdobrar isso para os estudantes da universidade, para a comunidade onde eu vivo...

construindo novas relações sobre o conhecimento indígena, quilombola, periférico, científico. Estou nessa busca por reavaliar a História, por buscar uma História que sirva para vida, que seja capaz de ajudar a gente a se relacionar com os outros e com o nosso próprio tempo.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** A forma como você traz os conceitos de Édouard Glissant (ilhas de arquipélago, opacidade, relação, oralidade na poética da diversidade...) chega com a sua sensibilidade e com a sua experiência no estudo de diversos/as intelectuais públicos/as no decorrer da sua trajetória. Sinto que a lente utilizada por você (para nos apresentar o Glissant) perpassa a noção de vínculo, o campo da história dos afetos, das relações. Como chegaram os/as outros/as autores/as, em suas pesquisas anteriores no campo da História Intelectual? Como você foi provocada, por exemplo, para o estudo da obra do Otávio Paz?

**Priscila Dorella:** Vamos fazendo escolhas na História sem muito controle do processo, tento encontrar coisas que me fascinam. Acho a história e a literatura fascinantes, porque permitem um olhar para o mundo exterior e interior. É muito especial isso. Quando eu comecei a estudar as polêmicas políticas de Octávio Paz, que foi objeto de estudo do doutorado, não foi porque eu conhecia, ou lia desde sempre. Foi porque eu tive uma disciplina com um professor boliviano que eu adorava, Antonio Mitre. Eu queria muito conviver com ele, o achava muito inteligente e interessante. Aí, eu perguntei a ele "Mitre, o que eu faço?", ele falou "olha, lê esses livros aqui do Octávio Paz". Eu iniciei a leitura e comecei a achar questões para a pesquisa. E, depois, eu comecei a perceber também que muitas escolhas de autores que me chamavam atenção tinham a ver não apenas com o trabalho intelectual, mas também com um certo compromisso com a vida pública.

Então, o Octávio Paz é um poeta, mas ele escreveu vários ensaios históricos e políticos. Ele foi embaixador na Índia, trabalhou para o Estado. Depois ele se indispôs com o Estado, brigou com muita gente. Teve uma vida instigante. Escrevia para jornal, aparecia na televisão. Era uma pessoa muito dinâmica e que teve a possibilidade de se interessar e se dedicar a vários temas. Tem textos dele sobre a América pré-colombiana,

sobre a política mexicana contemporânea, sobre a Índia e sobre o amor. Ele falava sobre ecologia e sobre os zapatistas. Na nossa formação, a gente se torna muito especialista e a gente tem muito medo de falar sobre coisas que a gente não foi a fundo. E esses autores que eu estudei experimentaram muito.

A escritora norte-americana Susan Sontag é outro exemplo nessa direção. Depois eu fui descobrir durante a minha pesquisa na Califórnia que ela trocava cartas com o Octavio Paz. Ela escreveu vários ensaios, peças de teatro, críticas de cinema. Foi uma intelectual pública nos Estados Unidos e enfrentou muitas polêmicas difíceis em um país com uma forte tradição anti-intelectual. Ela chegou a ser acusada de ser anti-americana por criticar o governo Bush durante o 11 de Setembro. Acho que foi a paixão deles por viver uma vida intelectual crítica, corajosa e criativa no espaço público que me chamou atenção. Eles não ficaram presos dentro das universidades, eles experimentaram a força de suas ideias na sociedade.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** Como você começou a se interessar, no início da sua formação, por esses/essas intelectuais públicos? Como escolheu a área de História da América?

**Priscila Dorella:** Tive uma professora fora da curva na graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais: Cristina Campolina. A Campolina é uma professora de História da América Colonial, hoje aposentada. E ela era muito diferente; enquanto a maior parte dos professores estava muito preocupada com a questão da carreira, da publicação, ela não era exatamente assim. Não era tão sistemática e ultrapassava a ideia de “passar” o conhecimento. Ela tinha umas frases e uma forma de pensar a História, que misturava coisas/situações de uma forma muito engraçada. O que me encantava: ela sabe ler gente. Ela tem uma sensibilidade para falar sobre as relações humanas que quase não encontrei. Assim, fiquei encantada com a História da América. Ela conseguiu comunicar alguma coisa que despertou em mim uma vontade de estudar a América. Mas ela não orientava.

Eu procurei a Kátia Gerab Baggio, que é uma ótima professora do departamento de História. Ela passou a me orientar e daí surgiu um projeto chamado "Coleção

Brasília: Escritos e Leituras da Nação". Era um projeto que foi dirigido pela professora Eliana Dutra. Esse projeto tinha como objetivo pensar os intelectuais dos anos de 1930 no Brasil. A pedagogia da nação brasileira nesse período. Como esses intelectuais inventaram o Brasil e tiveram uma nova perspectiva a respeito da nossa história. Era um projeto que envolvia vários professores de História. Então, era Eliana Dutra, Carla Anastasia, a Kátia, e cada uma delas conseguiu uma bolsa para um estudante a partir de uma avaliação. Daí fui estudar a visão de intelectuais dos anos de 1930, como Pedro Calmon e Pandiá Calógeras, sobre os conflitos platinos do século XIX. Desde então não parei. Entrei nessa coisa de estudar os intelectuais, a história, a trajetória, os conceitos, as polêmicas, os poetas.

Depois eu fui conhecendo outros autores que trabalham com História Intelectual, como Elías Palti, Antonio Mitre, Silvia Rivera Cusiquanqui, o próprio Richard Cándida, que foram me ajudando a ver questões, a problematizar a História Intelectual. E esses estudos decoloniais, essas lutas anticoloniais, essas questões políticas recentes, abriram o meu campo de compreensão, inclusive com relação a importância da oralidade como um trabalho intelectual. Passou a ser muito mais interessante para mim. Eu comecei a estar muito mais atenta às possibilidades de aprender com as pessoas comuns que leem o mundo de múltiplas formas.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** Muito bom conhecer um pouco as professoras e professores que marcaram a sua trajetória, bem como as suas novas referências de trabalho nesse mundo relacional. Para finalizar, você observa a trajetória do Glissant a partir dos elementos que o diferencia politicamente dos demais? É possível perceber, a partir das questões específicas da Martinica, um sentido mais libertário do pensamento dele?

**Priscila Dorella:** Como eu estou no início da pesquisa, eu vou falar algumas das minhas impressões em relação a isso. Acho que vale a pena pensar que quando a gente procura alguma referência sobre a Martinica, a gente vai ver que uma das coisas mais marcantes da história da Martinica é a sua História Intelectual, com o nascimento do Aimé Césaire, do Frantz Fanon, do Édouard Glissant, de Susane Césaire. Ou seja, esses intelectuais

tiveram uma projeção muito grande na história e na luta política anti-colonial. Mas ainda assim, a Martinica segue dependente da França com sua economia voltada para o turismo. O Glissant tem vários manifestos em que ele fala disso se perguntando por que é que na Martinica chega tanto caviar, tem tantos produtos de consumo de alto luxo e, no entanto, a população ainda vive sérios problemas sociais, como o desemprego? Qual a razão da população resistir também a luta pela independência? Por que não há a defesa de um tipo de independência sensível às próprias condições climáticas, ecológicas? Por que não acreditamos em países pequenos?

A luta de Édouard Glissant tem a ver muito com isso e com a relação com essa História. Mas não uma História essencialista de raiz, mas uma História relacional desse mundo arquipélago. E ele vai falar isso no seu livro que se chama “O Discurso Antilhano”, de 1981: o marxismo é uma chave explicativa fundamental, importante, mas é muitas vezes insuficiente para entender territórios e histórias, como o da Martinica, porque lá não se formou uma sociedade industrial com uma classe trabalhadora. Lá, existe a lógica dos quilombos que se orientam de uma outra maneira, a partir da descontinuidade, do desvio, da oralidade, de um outro tipo de resistência e de autonomia que não passa pelo registro do Estado, por exemplo. Ele continua: Muito se critica na Martinica o fato de Frantz Fanon ter se tornado argelino, ter escolhido uma outra cidadania, mas se a gente entende a identidade como processo relacional, o fato de ele ter se tornado argelino não fez com que tivesse deixado de ser da Martinica. Quando a gente estuda o mundo antigo, por exemplo, essa noção de perda da pátria não se coloca porque não existia essa visão sobre a identidade e o Estado. E ele continua: Assim como não há uma referência do Estado nas comunidades quilombolas, e sim a noção da errância, do exílio e da lembrança de algo que se perdeu. Tem uma frase dele muita significativa nessa direção que é assim: “Eu posso me transformar ao me relacionar com o outro, sem com isso perder ou diluir a minha identidade” (GLISSANT, *Conversas do arquipélago*, p. 49).

Édouard Glissant vai fazendo a gente refletir sobre o desvio, a errância, a fluidez, o rizoma, a crioulização que produz o inesperado. E ele não se enquadra em categorias fechadas. E, ao mesmo tempo, dialoga com as contribuições de muitas tradições. Não elimina, é um antropófago. Eu acho que passa um pouco por aí, por uma

ideia também comprometida com a arte, com surrealismo, como eu comentei com vocês, com outras orientações filosóficas não deterministas, e com problemas raciais e por pensar o Caribe como um prefácio das Américas. Tudo isso tem um sentido libertário para mim.

**Juniele Rabêlo de Almeida:** Muito obrigada, Priscila. Agradecemos imensamente a sua disponibilidade.

### Referências Bibliográficas:

- Almeida, Juniele Rabêlo. Práticas de história pública: O movimento social e o trabalho de história oral. In: Mauad, Ana Maria; Almeida, Juniele Rabêlo; Santhiago, Ricardo (Orgs.). *História pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- Dorella, P. R.. Entrevista com Richard Cândida Smith: Por uma História Intelectual entre as Américas. *Poder & Cultura*, v. 4, p. 174-213, 2017.
- Dorella, P. R.. Vazos comunicantes do moderno: Octavio Paz e o surrealismo. *Esboços*, v. 18, p. 237-254, 2011.
- Dorella, P. R.. *Octavio Paz: Estratégias de Reconhecimento, Polêmicas Políticas e Debates Midiáticos no México*. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2013.
- Exposição *Moçambique é maningue nice!* : [www.jornalismo.ufv.br/mocambique/](http://www.jornalismo.ufv.br/mocambique/)
- Exposição *Latinoamericanes como nós* : <https://projetoidentidades.wixsite.com/latinoamericanes>
- Glissant, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.[1990]
- Glissant, Édouard. *Tratado del todo-mundo*. Barcelona: Ediciones del Cobre, 2006. [1997]
- Glissant, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2005. {1996}
- Glissant, Édouard. *Sol de la consciencia*. Barcelona: Ediciones del Cobre, 2004. [1956]
- Glissant, Édouard. *El discurso antillano*. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2002. [1981]
- Édouard Glissant: <http://www.edouardglissant.fr/>
- Institut du Tout-Monde – Fundado por Edouard Glissant: <http://tout-monde.com/>



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença *Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 23/07/2024  
Aprovado em: 23/08/2024